

O FRIO E OUTRAS INTEMPÉRIES

**“E o frio ao frio em bruma se entrelaça
num suspiro.” - Drummond (*Elegia –
Fazendeiro do Ar*)**

Nesses últimos tempos tem feito um frio intenso, aqui por estas bandas, cercanias da Serra da Mantiqueira banhadas pelo Paraíba do Sul, não muito longe de onde passa o Trópico de Capricórnio. Previsões feitas com bastante antecipação, apontavam que, neste ano de 2.026, não teríamos inverno tão rigoroso como o de outros anos passados. Sei não...

Há pessoas que detestam o frio, outras o adoram. Eu, pelo menos, abomino. A rinossinusite crônica, que em mim aportou criança e não me deixou desde então, capricha no sadismo, quando chega o inverno. E eu, que não sou nem um pouco masoquista, não vejo graça em ser vítima desse indesejável avatar do cruel Marquês, que elegeu minhas vias respiratórias como o *locus* ideal para ilustrar seu gosto pelo sofrimento alheio.

Quando moleque – a rinossinusite ainda não se declarara incurável e havia ainda esperança no ar (sempre há esperança, quando se é moleque) - gostava muito do frio da manhã; achava divertido soprar e produzir aquela fumaça branca, em forma de pequenas nuvens, produto do embate entre o ar quente que expirava e o ar frio do ambiente. (É certo que à noite, quando o vento frio entrava malvado pelas frestas das ripas da casa de madeira, o cobertor seco-poço se rendia à força da intempérie e me deixava na mão. Nestes momentos, maldizia o frio. Mas a noite não conta; passa logo...)

Na juventude, continuei a gostar do inverno (minha doença crônica ainda era suportável e a esperança de um dia debelá-la continuava firme e forte). Achava que ele, o frio, dava mais disposição para o trabalho. Leitor eventual de autores que atribuíam ao clima quente dos trópicos boa parte de nossas mazelas, aderi ingenuamente a essa teoria.

De fato, pensava, os países de clima frio eram mais desenvolvidos porque os rigores das baixas temperaturas obrigavam sua população a ser mais previdente e disciplinada, a trabalhar muito nas outras estações do ano, para garantir a sobrevivência no inverno. Era mais ou menos como a fábula da cigarra e da formiga. Nós, habitantes dos trópicos, éramos a cigarra; os habitantes do norte, a formiga.

Desconsiderando Silva Mello e outros, que sustentavam as vantagens do homem tropical, comparado aos homens do norte, preferia aderir às teses pessimistas veiculadas por Paulo Prado e tantos outros intelectuais brasileiros, e dava de barato que nosso clima quente era um dos responsáveis por uma certa indolência, por um amolecimento do corpo e do espírito, como traço marcante do caráter nacional brasileiro, pouco disposto ao trabalho duro e metódico.

Foi somente quando li a divertida sátira “As Aventuras do Dr. Bogoloff”, de Lima Barreto, que comecei a desconfiar das excelências civilizatórias do clima frio. O exagero satírico é sempre didático. Não há melhor professor! Barreto, nacionalista e crítico ferrenho do pendor do brasileiro para o complexo de vira-lata, que o leva a imitar, como se fossem naturalmente excelentes e imunes a qualquer crítica, costumes e práticas de outros povos, satiriza a inveja brasileira dos povos que vivem no frio. Seu ridículo personagem, Ministro Xandu, conversa a respeito com Bogoloff:

“ — O que nos falta é o frio. Ah! A sua Rússia! Eu, se quero ser sempre ativo, tomo todo o dia um banho de frio. Sabe como? Tenho em casa uma câmara frigorífica, 8 graus abaixo de zero, onde me meto todas as manhãs. Precisamos atividade e só o frio pode nos dar. Penso em instalar grandes câmaras frigoríficas nas escolas, para dar atividade aos nossos rapazes. O frio é o elemento essencial às civilizações...”

Assustei-me com a ideia de uma câmara frigorífica em casa, para meter-me dentro, a 8 graus abaixo de zero... Eu, hein? Viva Silva Mello e o homem tropical!

Agora, na velhice, provavelmente em decorrência da idade, drummondianamente, passei a experimentar “uma sensibilidade maior ao frio”. Mas, ao contrário do poeta, não tenho sua inclinação “a uma aceitação maior de tudo”, conforme confessa em um de seus poemas. Para mim, no que se refere às baixas temperaturas, tolerância zero. Tudo, menos esse frio, que me impede de curtir as ondas maravilhosas das Praias do Sahy e da Baleia! Tudo, menos esse detestável frio que “ao frio em bruma se entrelaça num suspiro”. (jblima@gmail.com)

.